

Perfil de Ocorrência de Espinha Bífida em Recém Nascidos: Análise Epidemiológica de Dados Registrados de 2013 a 2022

Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes¹, Isadora Medeiros de Almeida¹, Carolina Marsiglia Lucini¹, Lucas Mariano Pinheiro¹, Natália Camila Smidt¹, Eduarda Ortiz Avila de Araujo¹, Virginia Tafas da Nóbrega².

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

² Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Introdução:

Este estudo visa examinar a incidência da espinha bífida em recém-nascidos no Brasil, de 2013 a 2022. Essa análise é crucial para direcionar recursos e desenvolver estratégias de intervenção, visando aprimorar a saúde dos afetados por essa malformação congênita.

Objetivos:

Avaliar a tendência temporal da incidência de espinha bífida congênita no Brasil entre 2013 e 2022, por meio dos dados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC).

Métodos:

Estudo ecológico observacional em que se utilizou uma análise de série temporal. A revisão foi realizada em uma base de dados de domínio público, o DATASUS, utilizando o programa TabWin. Para analisar os nascidos vivos que apresentaram anomalias congênitas do tipo espinha bífida (CID 10: Q05) foram consideradas as médias anuais do período de 2013 a 2022, buscando dados secundários fornecidos pelo SINASC.

Resultados:

No Brasil, foram notificados 6.546 casos de espinha bífida em recém nascidos no período observado. O ano de maior número de notificações foi 2016, com 735 registros de nascidos vivos com esse tipo de malformação congênita. A média anual de 2013 a 2015 foi de 610 casos, enquanto no período subsequente de 2016 a 2018 houve um aumento de 17,1%, totalizando 714,33 casos por ano. Já de 2019 a 2022, a média anual diminuiu 10%, totalizando 643,25 casos anuais. A maioria dos pacientes era do sexo masculino, com 51,4%, sendo a minoria feminina com 47,2%. Quanto à distribuição entre os raça/cor: 51% pardos, 38,5% brancos, 6% pretos, 0,8% amarelos e indígenas. Nesse sentido, o peso dos nascidos vivos com maior prevalência foi de 1500g a 2999g (51%), seguido por 3000g ou mais (42,5%) e menores de 1500g (6,4%). Durante o período analisado, verificou-se 1.309 óbitos por espinha bífida, com maior predominância em crianças menores de 1 ano (52%).

Conclusão:

A análise detalhada dos casos de espinha bífida em recém-nascidos no Brasil revela variações temporais e demográficas significativas. A prevalência em determinados grupos étnicos e faixas de peso ao nascer ressalta a importância de abordagens personalizadas na saúde materno-infantil. Os óbitos reforçam a urgência de intervenções precoces, portanto a necessidade de alocar recursos e de desenvolver estratégias de manejo dentro da saúde pública. Esses insights orientam abordagens futuras para redução da incidência e melhoria dos cuidados.



ESCOLA DE
MEDICINA